



Boletim informativo da Santa Casa da Misericórdia de Sardoal

Nº40/3ª Série - julho/agosto/setembro 2024 - Trimestral
Diretor Provedor Fernando Constantino Moleirinho - fmoleirinho@scmsardoal.pt

www.scmsardoal.pt



SARDOAL
12 E 13 - SETEMBRO - 1951
SENSACIONAL PROGRAMA DE VARIEDADES COM
ESTRELAS DA NOCIDADE
JOSÉ AFONSO
Grande cantor e bailarino
Nascido em 1907 em Sardoal
após 1927
ORLANDO ALVES
O espetáculo de hoje
dará, em 1951, um novo
toque ao espetáculo!
Beatriz Fragoso
Gravil soprano e Bailarina
de Madras Escumbas
Mestre Mestre João Baptista
Floreza Ferreira
Joana Carolina
Valeu pois todos os Sardoal nos
dias 12 e 13 de Setembro a
passarem duas noites inolvidáveis
CHUZZERO DE FERIAS
Programa das Férias em 1954

Em benefício da Santa Casa da Misericórdia do Sardoal
Sábado dia 24
22 HORAS
Actuação do Maravilhoso Conjunto
XENON
BOA MÚSICA
BOM AMBIENTE
TEMOS:
Frangos
Cachorros
Cerveja
Sumos
Vinhos

**ESPECIAL-100 ANOS
FESTA SANTA MARIA DA
CARIDADE**

SARDOAL
15, 16, 28, 29 e 30 DE SETEMBRO DE 1984
GRANDIOSOS FESTEJOS
A FAVOR DA
SANTA CASA DA MISERICÓRDIA
SÁBADO, DIA 15
DOMINGO, DIA 16
SEXTA-FEIRA, DIA 28
SÁBADO, DIA 29
DOMINGO, DIA 30



VISITE SARDOAL
Nos dias 14-15-21 de Setembro
Onde se realizam os grandes
e tradicionais festejos de
SANTA MARIA DA CARIDADE
MUSICA CONSTANTE
FEÉRICA ILUMINAÇÃO
Deslumbrante fogo de artifício
MUITAS SURPRESAS!
NA VILA DO SARDOAL
«...as casas desentranham-se em
filas. Há um jardim em cada ja-
rdeira e uma casa em cada recanto.»

SARDOAL
EM BENEFÍCIO DO
HOSPITAL DA MISERICÓRDIA
NOS DIAS 12 - 13 - 14 - 19 - 20 / SETEMBRO / 1970
UM VALIOSO PROGRAMA COM:
ANA RODRIGUES JOÃO BRAGA
HUGO MAIA DE LOUNIRO
ZE FREIRE ISABEL WOLMAN
JOÃO CARLOS LUIS COSTA
TEREZA CARVALHO ANTONIO CIRRA
ARQUITECTO MATEUS DE RAKOS
CONJUNTO OS CORDES
RANCHO MAR ALTO
BANDAS DE FAZENDAS DE ALSEIRIA
FILARMÓNICA UNIDA SARDOALENSE
BANDAS DE MÚSICA
HOLANDA SARDALENSE
CIRQUEMA
BANDAS DE MÚSICA
Sufete
Quemeste
Festa de Santa Maria da Caridade

Festa de Santa Maria da Caridade
Dia da Irmandade
Igreja de Santa Maria da Caridade - Sardoal
29 de Setembro de 2019

“... As Festas são o espelho da importância e valor que a população do Concelho dá a esta centenária Santa Casa da Misericórdia.”



100 Anos!

Serão muitos anos? Para nós são anos de muitos sonhos, de muitas lutas, de muitas alegrias em alcançar o tão desejado equilíbrio nas contas de uma Instituição, que representa o Amor ao próximo, sempre com a esperança de poder mitigar o sofrimento dos que procuravam e procuram na Instituição um pouco de carinho e melhor qualidade de vida, numa fuga ao isolamento e solidão. Por isso, as festas representam não só o conseguir um pouco de dinheiro, mas também o alcançar de uma nova força interior, para aqueles que sacrificam muito da sua vida privada e para os que, e são muitos, se reveem nesta dinâmica e nesta força galvanizadora que nos projecta para o futuro.

100 Anos! Esta vai ser não só uma data bonita, mas também o início de uma nova era de unidade, de participação e de convicção de que, nos próximos anos, muitas coisas boas se irão concretizar. Ao apostarmos na excelência de serviço ao próximo acreditamos que o amanhã nos trará muitos momentos de confraternização e proximidade aos Irmãos.

As obras, que já são visíveis representam um pequeno grão no muito que é necessário concluir.

Sabemos que é necessário revitalizar e reformular tudo com outro figurino, o que é evidente, mas se considerarmos que, hoje como ontem a Santa Casa continuará a ser exemplo do bem-fazer, entendemos o porquê de ser necessário tentarmos encontrar novas fontes de financiamento.

É importante voltar a dar vida aos espaços envolventes ao Convento e edifícios existentes, como os Claustros, onde o barulho de conversas entre visitantes e o deslizar dos sapatos naqueles pavimentos já gastos pelos muitos anos, nos trazem de volta muitos homens ilustres que recordamos com Saudade.

Este ano poderá ser decisivo, e o arranque desta iniciativa, neste novo figurino, não menos interessante, porque, esperamos continuar a contar com todos os Sardoalenses e muito especialmente com os Irmãos da Instituição.

Como foi referido por um Provedor “As Festas são o espelho da importância e valor que a população do concelho dá a esta centenária Santa Casa da Misericórdia”.

De forma segura e determinada iremos recuperar um Património Cultural que preencheram em muito, todo o imaginário das crianças e adultos nos finais do século passado.

O Provedor

FICHA TÉCNICA |

Propriedade e Editor Santa Casa da Misericórdia de Sardoal, Largo do Convento, 2230-234 Sardoal, Telefone 241850120- Contribuinte nº501 157 549 /**Diretor** Provedor Fernando Constantino Moleirinho/ **Redação** Santa Casa da Misericórdia de Sardoal, Largo do Convento, 2230-234 Sardoal/ **Periodicidade** Trimestral/ **Tiragem** 200 Exemplares/**Impressão** Santa Casa da Misericórdia de Sardoal– Largo do Convento, 2230-234 Sardoal/**Registo na E.R.C.** nº126409 /**Estatuto Editorial** Independente/ **NºDL**414374/16/**Estatuto do boletim** pode ser consultado em:<https://scmsardoal.pt/index.php/boletim-informativo> / Número especial comemorativo do centenário das Festas em honra de Santa Maria da Caridade – Equipa de produção e edição: Paulo Salgueiro e Mário Jorge Sousa – Com base em trabalhos da revista “Zahara” Nºs 28 e 29 (2016 e 2017) devidamente adaptados e actualizados com documentação proveniente do Arquivo Histórico desta Misericórdia.

Uma Festa com 100 anos



Não existe qualquer documento que enquadre em termos históricos as Festas em honra de Santa Maria da Caridade (ou Nossa Senhora da Caridade) organizadas pela Misericórdia entre 1924 e 1989, à excepção de uma pequena brochura editada pelo Município, em Setembro de 1998, com uma pesquisa de Luís Manuel Gonçalves baseada em notícias da imprensa e que serviu de “Programa” às Festas do Concelho desse ano. Estes

festejos, levados a efeito no Largo do Convento (ou “Cimo do Convento”) a favor do Hospital que ali existiu, pertença da Santa Casa, ainda hoje são lembrados como “As Festas de Setembro” por serem efectuados nesse mês e foram uma importante referência no panorama cultural, social e lúdico do Sardoal e da região, tal a grandiosidade e carisma que alcançaram.

NOVO PARADIGMA DE ANIMAÇÃO

Os “grandes festejos feitos a Santa Maria da Caridade, padroeira do Hospital da Vila”, tiveram a sua primeira vez, não em Setembro, mas entre 23 e 25 de Agosto de 1924. A segunda edição, marcada para Agosto, seria transferida para o mês seguinte (de 22 a 24) por “conveniência da Comissão”. A partir daí, as Festas realizaram-se algumas (poucas) vezes em Agosto, mas a partir de 1934 acomodaram-se definitivamente no 9º mês do ano. E de tal maneira lhes ficaram associadas que se enraizou na gíria popular a já referida expressão “Festas de Setembro”. Esta empatia temporal é explicada, em parte, numa prosa do “Jornal de Abrantes” em 5 de Outubro de 1968:

“(…)Findou Setembro, última etapa das férias, chamadas grandes. O Verão com os seus dias grandes e quentes, a solicitar férias, vai quase no ocaso. Mas para os Sardoalenses e muito especialmente para os ausentes, este é o grande mês, pois as suas festas

anuais, realizadas por e em benefício da Santa Casa da Misericórdia, é neste mês que se realizam e é nesta altura

que os sardoalenses se deslocam à sua terra para matarem saudades dos seus locais queridos, a escola, o local de nascimento e das brincadeiras e muitos o local onde dormem o sono eterno os seus antepassados. Mas é, sem sombra de dúvidas a festa, o grande local e a razão da confraternização dos sardoalenses. Os ausentes ou em férias, ou com um fim-de-semana, aqui vêm nesses dias e, assim a nossa terra viu a sua fisionomia tão pacata, transformada, com a presença de imensos Sardoalenses e suas famílias. É o Setembro, as Festas da Misericórdia e o Bairrismo dos Sardoalenses, a triologia responsável por este fenómeno anual, que tanto movimenta, alegre e dignifica a família sardoalense e esta nobre Vila de Sardoal.”

As nóveis Festas de Santa Maria da Caridade foram um modo original (e eficaz) de ser possível à Misericórdia acudir à difícil situação financeira em que o seu Hospital se encontrava.



Programa das festas de Santa Maria da Caridade de 1952



Programa das festas de Santa Maria da Caridade de 1956

Em 1924 o Provedor da Santa Casa chamava -se Abílio da Fonseca Mattos e Silva, um republicano de fortes convicções ideológicas e personalidade dinâmica, que se viu obrigado “a inventar” este e outros expedientes para obter receitas. Na ocasião, o Hospital registava 29 doentes, mas no ano seguinte já seriam 64 e no outro 100. A fim de poder gerar os dinheiros pretendidos, as Festas de Santa Maria da Caridade, abriram as portas a um novo paradigma de animação com um carácter mais profano que as diferenciavam dos velhos eventos de índole religiosa, embora sem grandes rupturas conceptuais com a ordem estabelecida. Assim os rituais litúrgicos integrados nos festejos não iam além das missas solenes (muito participadas) "em intenção dos beneméritos do Hospital", a par de um arraial popular, com música para dançar, exploração comercial de comes-e-bebes e vendas de produtos agrícolas e outros. Em 3 de Agosto de 1924, o "Jornal de Abrantes" dava conta do acontecimento:

"Sardoal, nos dias 23, 24 e 25 está em festa, feita a Santa Maria da Caridade, padroeira do Hospital desta Vila. É a primeira vez que se realiza esta festividade por isso a Mesa da Misericórdia não se poupa a trabalho para que ela tenha um brilhantismo invulgar.

Foi esta Santa que deu o nome ao Hospital desta Vila, por isso, tratando-se de um festejo cujo fim é arranjar receita para sacudir a situação precária em que esta instituição da caridade se encontra, não podia ser mais acertada a escolha do título. Em todo o concelho se trabalha com afinco e persistência para que a receita seja avultada, estando constituídas comissões em todas as aldeias do concelho para esse fim. (...) Podemos asseverar é que os atractivos e comodidades te-las-ão os visitantes em larga escala, de modo apoderem passar três dias de alegre convívio. As Festas do SARDOAL!!!"

E em 17 de Agosto seguinte, o mesmo periódico relatava em pormenor o ambiente vivido na preparação destes imponentes festejos":
"Dia a dia vai aumentando o entusiasmo pela festa que se realiza nesta Vila a favor do Hospital (...). As ornamentações já começaram, esperando-se que a festa se revista de uma grande imponência, não só pela variedade de atractivos, mas também pelo esmero que os seus organizadores empregam na sua preparação. O serviço de bufete está sendo montado nos claustros do hospital, com farta iluminação à moda do Minho.



Programa das festas de Santa Maria da Caridade de 1965

Os produtos agrícolas serão expostos em barracas ao longo do adro, onde depois serão vendidos, revertendo o seu produto a favor do Hospital. Haverá também outras rifas. No domingo venda da flor por gentis meninas desta Vila. No domingo à noite fogo-de-artifício confeccionado pelo hábil pirotécnico Sr. Galinha e na segunda-feira, pelo não menos hábil Sr. Ameixoeira. Na terça-feira haverá tiro aos pombos e à noite récita ao ar livre na cerca do Hospital, apresentando-se pela 1ª vez em público o Grupo Dramático Sardoalense, que inicia as suas récitas oferecendo o produto do primeiro espectáculo a favor do Hospital. Belo gesto que bastante os nobilita. As festas da Igreja serão acompanhadas pela Orquestra Sardoalense e as festas civis pela Filarmónica desta Vila (...). Que os organizadores da festa não esmoreçam, demais quando de todos os pontos do Concelho afluem boas vontades e incentivos. Sardoal vai, pois, ter três dias de festa que a todos vai deixar satisfeitos."



Programa das festas de Santa Maria da Caridade de 1970

PROGRAMAS E ARTISTAS

Até meados da década de 50, as festas começavam à hora do almoço e quedavam-se pela uma da manhã. O lançamento do fogo-de-artifício implicava o fim dos folguedos. Os programas eram compostos, em síntese, por exposições-venda de produtos agrícolas (os quais chegavam em cortejos vindos das Freguesias), mostras industriais, ligadas, sobretudo às artes de serralharia, transformação de madeira e fabricação de malas e baús, concertos de filarmónicas (que também animavam os bailaricos), exibições de ranchos folclóricos, récitas teatrais encenadas por grupos da Vila, torneios de tiro aos pombos, fogo-de-artifício (preso e no ar dos conceituados pirotécnicos de Valhascos Srs. Galinha e Filhos e Ameixoeira e Filhos) (em 1950 há referências ao "lançamento de foguetes chineses"), quermesses, bufetes, tómbolas, barracas de tiro ao alvo e cinema mudo (que passou a sonoro em 1940 ou 41). Havia ainda vendas de flores naturais a cargo das moças novas, costume que foi perdurando até aos anos 70, sendo que, nessa ocasião, eram flores de papel que se prendiam ao peito com alfinetes. Em 1928 o "Jornal de Abrantes" divulgava o estabelecimento de carreiras especiais entre Alferrarede e Sardoal "pelos nossos amigos Barroso e Florêncio". É de crer que tais transportes fossem em carroças de mulas.



Programa das festas de Santa Maria da Caridade de 1968

O Peditório

Nos dias de festa a vila acordava cedo. Logo às 7 ou 8 da matina sucedia uma estrondosa "alvorada com foguetes e morteiros" que chegava a durar quase 15 minutos consecutivos. Num meio rural por excelência, com a vida e o trabalho a manifestarem-se aos primeiros alvares do sol, tal coisa era perfeitamente aceite e normal. A expectativa era grande e havia alegria no ar. Era a festa! Os miúdos (os que tinham posses) faziam gala em estrear sapatos e roupas novas e todos esperavam com impaciência o momento de comprarem um "pirolito" (chupa-chupa de vinagre e açúcar queimado) ou um bolo, em forma de boneca ou ferradura, numa das muitas vendedeiras que montavam banca ao longo da escadaria de acesso ao largo. De um lado e outro da subida eram colocados bonecos pintados e recortados em madeira, com mais de um metro de altura, representando tocadores e bailadores (as) trajados (as) à moda do Ribatejo. Os mais crescidos juntavam os tostões para adquirir opíparos pires de batatas fritas (em azeite), alimento na ocasião apenas usado em dias especiais, acompanhados por laranjada ou gasosa vendidas em copos pequenos iguais aos do vinho.

O peditório público, no primeiro Sábado de festa, proporcionava cenas hilariantes. Os festeiros e a filarmónica começavam as arruadas, manhã cedo, batendo às portas das casas, com uns papéis onde assentavam os nomes dos beneméritos e as quantias doadas. Os músicos iam formais, garbosos e alinhados. A comitiva ia parando em frente das habitações de cidadãos ilustres e de famílias benquistas. Aí, a banda tocava uma peça diferente. Este simbolismo era considerado um sinal de estatuto social que traçava uma fronteira entre os ditos e o resto do povo. Muitas zangas e conflitos ficaram insanáveis durante largos anos quando algum notável era esquecido por falha da organização ou desvalorização social (que poderia ser por motivos políticos, ser "do contra", por exemplo).

À medida que a jornada decorria o elenco musical ia sendo brindado com petiscos, vinho e aguardente, sobretudo nas adegas particulares que, nesses tempos, existiam em quantidade. A meio da manhã já se apresentavam de gravatas soltas e casacos desabotoados. As melodias também soavam menos afinadas. No fim do périplo a desgraça estava consumada. Em mangas de camisa, bonés tortos e sem postura, a banda desfazia-se e deambulava pelas artérias, partida em três ou quatro grupos distintos, tocando cada um para o seu lado, sem pautas ou regência...

Refira-se que num dos anos da década de 60, a comissão prescindiu da filarmónica contratando um tocador de gaita de foles. Mas a experiência não resultou.



Grupo de Raparigas da equipa da "barraca de chá", em 1937 (espólio de António Conde Falcão/ Paulo Sousa)



As meninas da barraca de chá nas festas de Santa

Na vertente musical, mais tarde, anos 50, chegaram os agrupamentos de cordas e sopros a que as pessoas chamavam “jazz's” e depois nos anos 60, as Orquestras, já dotadas de algum equipamento electrónico. Destas, as mais emblemáticas e frequentes foram “White Star”, “Figueira Padeiro” e “Os 6 Latinos”. Em 1967 o “Conjunto Zurita de Oliveira”, famosíssimo a nível nacional e com discos gravados, veio abrilhantar o arraial. Após os períodos áureos dos “Jazz's” e das “Orquestras” foram aparecendo os “Conjuntos”. Por aqui passaram “Os Leões de Carvalho”, “Canários do Pego”, “Orquestra Brazil”, “Túlipa Negra”, “Lua Azul”, “Os Orbitas”, etc.

Mas seria nos anos 60, até 1973, que as festas atingiriam o máximo esplendor e inovação, graças à acção de dois Provedores da Santa Casa, Álvaro Andrade Passarinho (entre 1964/69) e Jorge Alves Paulino (1970/73). Nestes períodos as “Festas de Setembro” andavam nas bocas do mundo por acolherem alguns dos mais prestigiados “artistas da rádio, tv e disco”, coisa raramente vista no nosso isolado interior provinciano. São exemplos, Artur Garcia, Gabriel Cardoso, Maria José Valério, João Maria Tudela, Flora Pereira, Florbela Queiróz, Susy Paula, Tristão da Silva Júnior, Luís Piçarra e Hugo Maia de Loureiro, entre muitos outros.



Maria da Caridade, no ano de 1931 (ver boletim da Misericórdia nº 18 3ª Serie)

“Lagartos do Sardoal”

Em épocas passadas, a vertente gastronómica, enquanto tal, não era assumida como eixo especial de atracção de público. A comida era um complemento e os prospectos do evento apenas publicitavam um “*esmerado serviço de Bufete e Barraca de chá, servido por gentis meninas*”. Compreende-se. Só uma pequena parte dos frequentadores do arraial tinha acesso a esse luxo. “Cear na festa” era privilégio dos mais abastados e não do povo em geral. E depois, o Sardoal nunca possuiu um prato de natureza endógena que fosse relevante ou diferenciado e que pudesse servir de “cartaz” numa ocasião destas.

A alimentação comum era pobre, à base de sopa de couves com feijão, confecionada em enormes panelas para durar muitos dias. No passado não existia consciência cultural sobre os hábitos de degustação e a ementa da festa reflectia isso. Serviam-se frangos assados, pipis e febras no pão. O petisco de maior saída era a batata frita em azeite puro, vendida em pratos normais, médios ou pires. Na época os óleos alimentares quase nem existiam ou não faziam parte dos ingredientes rurais, ao invés o olival concelhio era fértil e generoso. E na ocasião, batata frita era pitéu consumido apenas em ocasiões festivas, casamentos, aniversários ou refeições comemorativas das famílias endinheiradas.

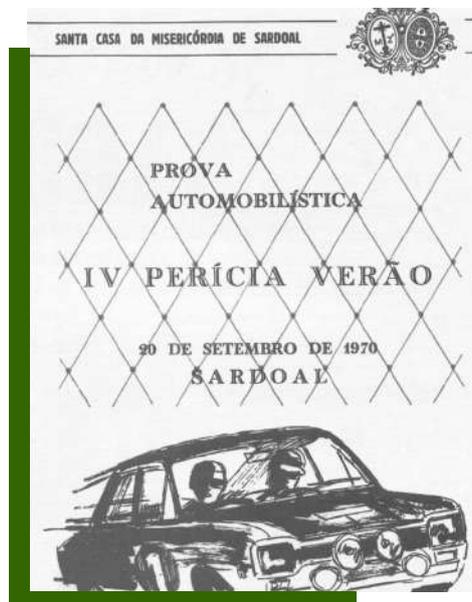
Diga-se que, em meados dos anos 60 o Provedor Álvaro Passarinho criou os *Lagartos do Sardoal*, que mais não eram que bifinhos de porco com batatas fritas. Esta iniciativa, apesar de inócua, valeu como uma primeira tentativa de conferir aos repastos uma ênfase inovadora. Não adivinhava o seu promotor que, agora, tantos anos depois, festa que se preze, tem na alimentação um chamariz dos mais importantes...

No fado, por via dos bons ofícios do engenheiro sardoalense Luís Durão (que em Lisboa pertencia a uma conhecida tertúlia fadista, “Os Feiticeiros”), passaram pelo Sardeal muitas vozes de referência como João Braga, João Ferreira Rosa, Ana Rosmaninho, José Pracana e José Freire.

Os espectáculos principais possuíam sempre um apresentador profissional e duas ou três vezes a popular locutora da RTP Isabel Wolmar, desempenhou essa missão. Os artistas actuavam num minúsculo espaço físico, no palco do conjunto e no intervalo do baile. Os sistemas de som, pesados e enormes, eram os do grupo musical que animava a noite, não existiam jogos de luzes coloridas nem qualquer iluminação suplementar e as canções poderiam ser interpretadas com acompanhamento ao vivo (se a orquestra presente fosse competente e estivesse preparada para isso) ou em playback instrumental, em vinil, colocado num gira-discos.

Em 1970 as festas viveram uma autêntica “revolução” nos costumes, com a introdução no programa de uma banda de rock progressivo, “Os Chinchilas”, liderada por Filipe Mendes (mais tarde Phil Mendrix) desde sempre considerado uma lenda viva em Portugal neste género de música. No ano seguinte, foi a vez de “Objectivo” e “Beatnicks” e, em 1972, os “Heavy Band” (também com Filipe Mendes). Qualquer destes grupos ficou na história lusa do rock como marcas de qualidade e afirmação de uma nova mentalidade geracional, cultural e musical. Vivia-se a chamada “Primavera marcelista” e alguns sinais de abertura social, mas esta inovação não foi pacífica no burgo.

Uma razoável parte das mulheres ainda usava saias longas e lenços rústicos na cabeça, os homens coletes e boinas e uns e outros privilegiavam os modelos ruralizados de sentir e entender o mundo. Tais “modernices” não caíram bem e o aspecto dos músicos, de barbas generosas, fartas cabeleiras, vestes bizarras e comportamentos informais, abalaram a pacatez conservadora de muitas consciências.



Prova Perícia no ano 1970

AS CLASSES SOCIAIS, O "DANCING" E A GINCANA

Em zona nobre do arraial era montada a «Barraca de Chá” “servida por gentis meninas”, tarefa sempre disputada por envaidecidas e caritativas jovens, porquanto funcionava como uma espécie de clube de elite, onde cabiam as raparigas descendentes de finas proles e uma ou outra de origem mais humilde, mas facilmente aceite pelos parâmetros do “status-quo”. Nesse espaço restaurativo e de acesso reservado (pagava-se para entrar) alugavam-se mesas atalhadas com vista para o palco e para a pista de dança (o “Dancing”). O local era delimitado por uma cerca baixa de madeira, onde a população se encostava observando com alguma inveja e má-língua os privilégios gastronómicos dos mais abastados.

Para o contingente geral masculino era instalada uma esmerada construção em madeira, tipo cabana sem tecto, num dos extremos do largo, onde se consumia vinho, tremoços e pevides. Era aí que os putos iam comprar os tais copos de gasosa. Não havia “imperiais” e a cerveja em garrafa era pouco procurada. Essa cerveja e os refrigerantes em geral, estavam colocados em tulhas de madeira, no meio de enormes pedras de gelo que se transportavam e conservavam envoltas em serradura.

Existia também uma animada quermesse com venda de rifas, estando os prémios dispostos em prateleiras presas ao tronco de uma amoreira. Era assegurada pelo concurso de rapazes e raparigas de classe média/baixa, filhos de bons cristãos ou de chefes de família honrados.

Para as mães não perderem de vista os seus rebentos casadoiros, era criada uma zona especial, ao lado do palco, donde se vislumbrava a área do "Dancing". As cadeiras, alugadas a mini preço, era poiso de muitas horas seguidas e nos recortes feéricos do cenário destacavam-se umas figuras de xaile e pequenas mantas de colo (algumas fazendo tricot), quais sentinelas vigilantes aos veniais avanços dos rapazes mais afoitos.

Nessas épocas, os bailaricos das festas seriam das raras oportunidades para contactos físicos (o chamado "roço") pelo que todo o cuidado era pouco na salvaguarda das virtudes femininas. A sociedade de então era clasista e moralista e as Festas eram o espelho dessa realidade.

A entrada no "Dancing" era paga, sendo até um dos principais proventos financeiros das comissões de festas. A bailação era compartimentada por "séries" de três músicas findas as quais o vocalista do conjunto dizia invariavelmente a seguinte frase: "Fim de série, podem descansar!...". Mas antes, nos anos 40 e 50, em certos intervalos do baile, criara-se o hábito dos homens convidarem o seu par para tomar uma bebida, pelo que aí, se popularizou a expressão "Damas ao Bufete!".

Havia bilhetes de uma "série" e para a noite inteira, que, geralmente eram agrafados nas presilhas das calças. As senhoras tinham entrada grátis. Também num dos anos da década de 60 o teor classista da sociedade foi assumido ao extremo com a inclusão de dois "Dancings" contíguos.

O normal, com pavimento regular em chapas de ferro e o outro, mais barato, em estrados de madeira. Também aqui essa experiência não vingou. Fosse por vergonha ou dignidade quase ninguém optou pelo "Dancing" dos pobres.

À tarde realizavam-se bailes populares espontâneos no largo das festas em volta de um coreto amovível de madeira, que albergava alguns executantes da filarmónica sardoalense ali reunidos informalmente para animar os presentes. Por volta das 19/20 horas era iniciado o arraial e o conjunto dava os primeiros acordes, o que contrasta com as festividades de agora, cujo início, perto da meia-noite, coincide como momento em que, antigamente, o grosso das pessoas ia equacionando o seu regresso a casa. Nas "Festas de Setembro" apenas alguma gente nova e membros dos finos "clãs" locais se mantinham até mais tarde, não sem que, algumas vezes, as alterações entre os ditos profanassem a paz reinante. Mas tudo lhes era perdoado, não havendo notícias de graves queixas ou intervenções da GNR. A boa despesa que faziam justificava a tolerância.

Em 1967 as festas foram valorizadas com uma "Gincana - Perícia de Automóveis", mais tarde rebaptizada como "Perícia Verão". A prova decorria na actual Avenida Heróis do Ultramar que, na ocasião, era um espaço amplo, em terra batida, onde se realizavam feiras e mercados. A iniciativa captava a presença de muitas dezenas de condutores, alguns oriundos de Lisboa, rodados nestas andanças. Era uma eficaz fonte de lucros, porquanto as inscrições para participação eram altas, estando sujeitas a taxas entre 80 e 120 escudos. O valor dos prémios pecuniários para os primeiros classificados era determinado por uma percentagem do montante das referidas inscrições, mas também eram entregues valiosas taças e troféus. A data, os automóveis não existiam em largo número, como hoje, pelo que os seus proprietários teriam "posses" para suportar tais luxos motorizados. Concorriam por prestígio social e desportivo e não tanto pelo dinheiro que poderiam ganhar.

SARDOAL
Integrada nos seus festejos, a Santa Casa da Misericórdia organiza a

Prova-Perícia de Automóveis

Dezenas de valiosos prémios (Libra Ouro, Pratas e dezenas de Taças)

Sábado, 10 Setembro 1983
A'S 14 HORAS (Ribeira Acima)
Entrada Livre

Veja os Prémios no montro da Juremado Pastarinho e certamente são delectos de comid a sala

Sensacional Prova-Perícia de Automóveis

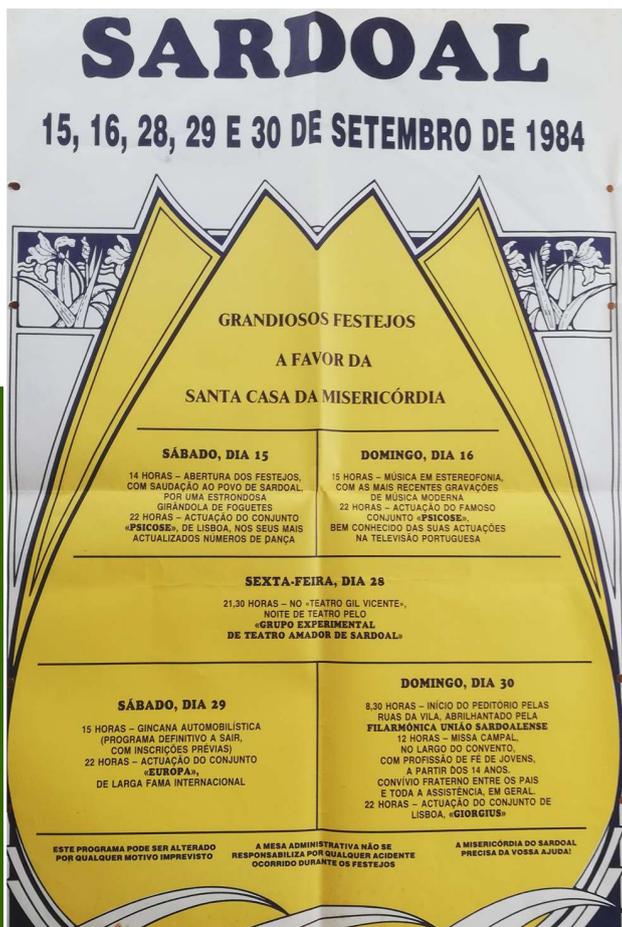
A entrega dos prémios será feita no recinto das Festas às 24 horas do dia 10 - 9 - 1983.

Colebre com a Santa Casa da Misericórdia, concorrendo ou assistindo à PROVA PERÍCIA I

RENAULT-ABRANTES
AUTOMÓVEIS NOVOS E USADOS
Telefonos 214 74 e 214 84

Prova Perícia no ano 1983

O fim... e um novo começo



Programa das festas de Santa Maria da Caridade de 1984

As Festas de Santa Maria da Caridade foram realizadas até 1989, em moldes diversos, mas sem o brilho de outrora. Por vários motivos: A mudança dos valores sociais trazida pelo 25 de Abril de 74, as celebrações festivas do Dia do Concelho (22 de Setembro) introduzidas pela Câmara Municipal desde 1977 e a retirada do Hospital à Misericórdia pelo Estado, integrando-o nas estruturas do Serviço Nacional de Saúde, criado em 1979.

Não fazia sentido que estes festejos, cujo objectivo central se prendia com a angariação de fundos para financiar o Hospital, mantivesse a mesma chama da sua essência. As Festas passaram a ser a favor da Santa Casa.

Mas em 1982 as Festas ainda apresentaram um cartaz de peso, com os conhecidos fadistas Alexandra e Vasco Rafael, o hipnotizador Prof. Marcos do Vale e a apresentação do espectáculo a cargo do famoso locutor da Rádio Renascença, Policarpo de Freitas. Por razões de força maior, esta sessão foi alterada, de Setembro, para o início de Outubro.

A PROIBIÇÃO

Em 1983, as Festas sofreram um duro revés. Um parecer do Delegado de Saúde local, de que o arraial perturbaria o sossego dos doentes internados, teve eco no Governador Civil de Santarém, o qual, a poucos dias do início, determinou a sua proibição formal.

Os protestos e os esforços da Santa Casa para reverter esta situação, que considerava injusta, não tiveram acolhimento oficial. Para remediar o caso (já havia muitas verbas investidas na preparação) a Misericórdia decidiu transferir o programa do exterior do largo do Convento, para o interior do Cine-Teatro Gil Vicente. Corriam os dias 10, 11, 16, 17 e 18 de Setembro.

Assim, os bailes com os conjuntos “João Paulo”, “Georgius” e “Artes & Manhas”, todos de Lisboa, decorreram naquele espaço, bem como a restante animação onde se contava uma “Noite de Teatro”, apresentado pelo GETAS, cuja actividade começara um ano antes.



Programa das festas de Santa Maria da Caridade de 1988

Nesta edição também houve uma prova de perícia automóvel e um torneio de tiro aos pratos.

No ano seguinte, 1984, as Festas continuaram a ser realizadas, mas não se encontraram referências que nos digam se a proibição subsistia. O respectivo prospecto de divulgação não refere o local. Talvez ainda fossem no Cine-Teatro, mas isso será especular, porquanto não há memórias sobre a questão.

“ESPÍRITO GENUÍNO”

O Arquivo Histórico da Misericórdia possui documentação das Festas até Setembro de 1989, com fogaças, uma Eucaristia e concertos pela Filarmónica e pelo Grupo Coral do GETAS, mas foi em 1988 que tudo terá mudado.

Segundo um texto do Boletim Informativo da Misericórdia, publicado em Outubro desse ano, foi nesta ocasião que as Festas foram “reintegradas no genuíno espírito religioso com que haviam sido idealizadas há mais de um século”, fugindo do “esquema acentuadamente profano e materialista” que as caracterizava. As Festas de 1988 (24 e 25 de Setembro) foram inauguradas pelo Bispo de Portalegre e Castelo Branco, D. Augusto César, e contou com as habituais cerimónias litúrgicas, fogaças, almoço partilhado nos claustros, programa radiofónico na RDP 2 (hoje Antena 2), concerto pela Filarmónica União Sardoalense e cinema, com filmes de “Charlot”. Mas a grande atracção foi a peça de teatro “O Nazareno”, de Frei Hermano da Câmara, representada por um grupo de Castelo Branco.

As últimas Festas, antes de passarem apenas para cerimónias religiosas, deveriam ter sido mesmo em 1989, tanto mais que, dois anos antes, em 1987, tiveram início as Festas do Concelho do Sardoal, organizadas pelo Município e pelo GETAS, no figurino que se mantem e, também, em 1989, o Cine-Teatro foi demolido para aí nascer o Lar de Idosos.



Programa das festas de Santa Maria da Caridade de 2023

Versos antigos

A utente da ERPI – Estrutura Residencial para Idosos, Alzira Rei, ainda se lembra de alguns versos alusivos a Santa Maria da Caridade que eram cantados por ocasião da Festa em sua honra. Não se sabe se tais poesias foram provenientes de alguma récita ou inventadas espontaneamente pela devoção do povo. Esta memória de Alzira Rei foi recolhida em 17 de Setembro de 2017 e veio publicada no nosso boletim N° 14. Recordemos os versos:

*Senhora da Caridade
Ó virgem Santa Maria
É sempre com ansiedade
Que esperamos este dia*

*As promessas, as fogaças
Vão chegando sem cessar
Em paga de muitas graças
Que a Virgem fez espalhar*

100° Festa S^{ta} Maria da Caridade 13 E 14 DE SETEMBRO 2024

VENHA PROVAR:
VITELA NO ESPETO
GRELHADOS
SOPA
SOBREMESA

E TAMBEM VAMOS TER:
CERVEJA
VINHO
SUMOS
ÁGUA

PROGRAMA:

DIA 13 DE SETEMBRO

19:00
ABERTURA DA FESTA

20:00
SERVIÇO DE JANTARES (POR RESERVA)
NOS CLAUSTROS DO CONVENTO COM
MUSICA AO VIVO

23:59
PROVA DA VITELA ASSADA NO ESPETO

DIA 14 DE SETEMBRO

12:00
CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA NA IGREJA DE
SANTA MARIA DA CARIDADE

13:00
ABERTURA DO SERVIÇO DE RESTAURANTE
NO LARGO DO CONVENTO

15:00
ATUAÇÃO DO QUARTETO DE CORDAS DA
BANDA DE MÚSICA DA GUARDA
NACIONAL REPUBLICANA
(IGREJA DE SANTA MARIA DA CARIDADE)

ATUAÇÃO DO ARTISTA PEDRO DYONYSYO
(LARGO DO CONVENTO)

ORGANIZAÇÃO:

RESERVAS PARA O JANTAR: 241 850 120

A SANTA CASA DA MISERICÓRDIA NÃO SE RESPONSABILIZA POR QUALQUER ACIDENTE DURANTE O EVENTO

